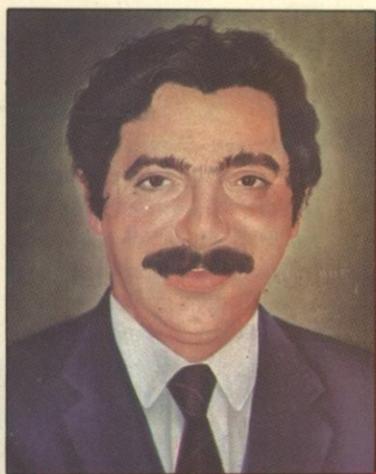


Castigo anunciado



FIDÉLIO REIS/TVBA

Como Chico Mendes, que sabia estar marcado para morrer, seus assassinos aguardam a condenação certa que não evitará novos mártires

BOB FERNANDES, DE XAPURI,
E ANTONIO CARLOS PRADO

Milhões e milhões de brasileiros se emocionavam diante dos seus aparelhos de tevê na noite de 22 de dezembro de 1988 e discutiam um assassinato anunciado para o dia seguinte: quem mataria Odete Roitman, a vilã da novela *Vale Tudo*, interpretada por Beatriz Segall? Naquela noite, nos confins do Brasil, em Xapuri, município de 20 mil habitantes distante 188 quilômetros de Rio Branco, capital do Acre, morria assassinado com um tiro de calibre 20, que lhe provocou 48 perfurações pelo corpo, o sindicalista Francisco Alves Mendes Filho, 44 anos, o Chico Mendes. Se no Brasil, até então, quase ninguém sabia sequer da existência de Chico Mendes, mundo afora já existia a preocupação com a morte anunciada. A de Chico, não a de Odete, tão cara aos brasileiros. Ganhador de prêmios internacionais desde 1988, o sindicalista vinha há tempos prevendo sua morte. Em 5 de dezembro, numa palestra em Piracicaba (SP), o sindicalista despediu-se da vida: "Não quero flores no meu enterro, pois sei que irão arrancá-las da floresta. Quero apenas que o meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços sob proteção da Polícia Federal do Acre, que, de

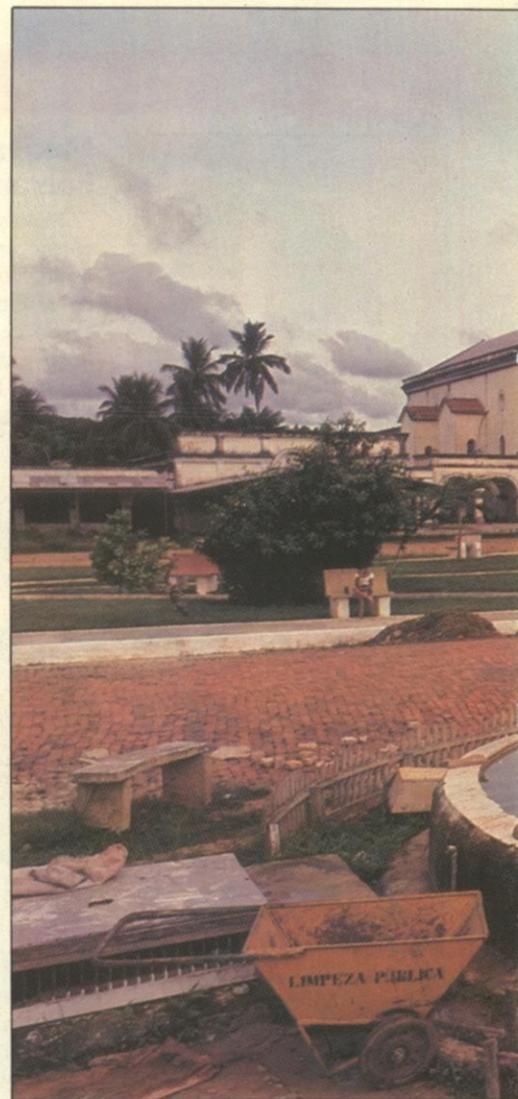
1975 para cá, já mataram mais de 50 pessoas como eu (...). Adeus, foi um prazer. Vou para Xapuri ao encontro da morte."

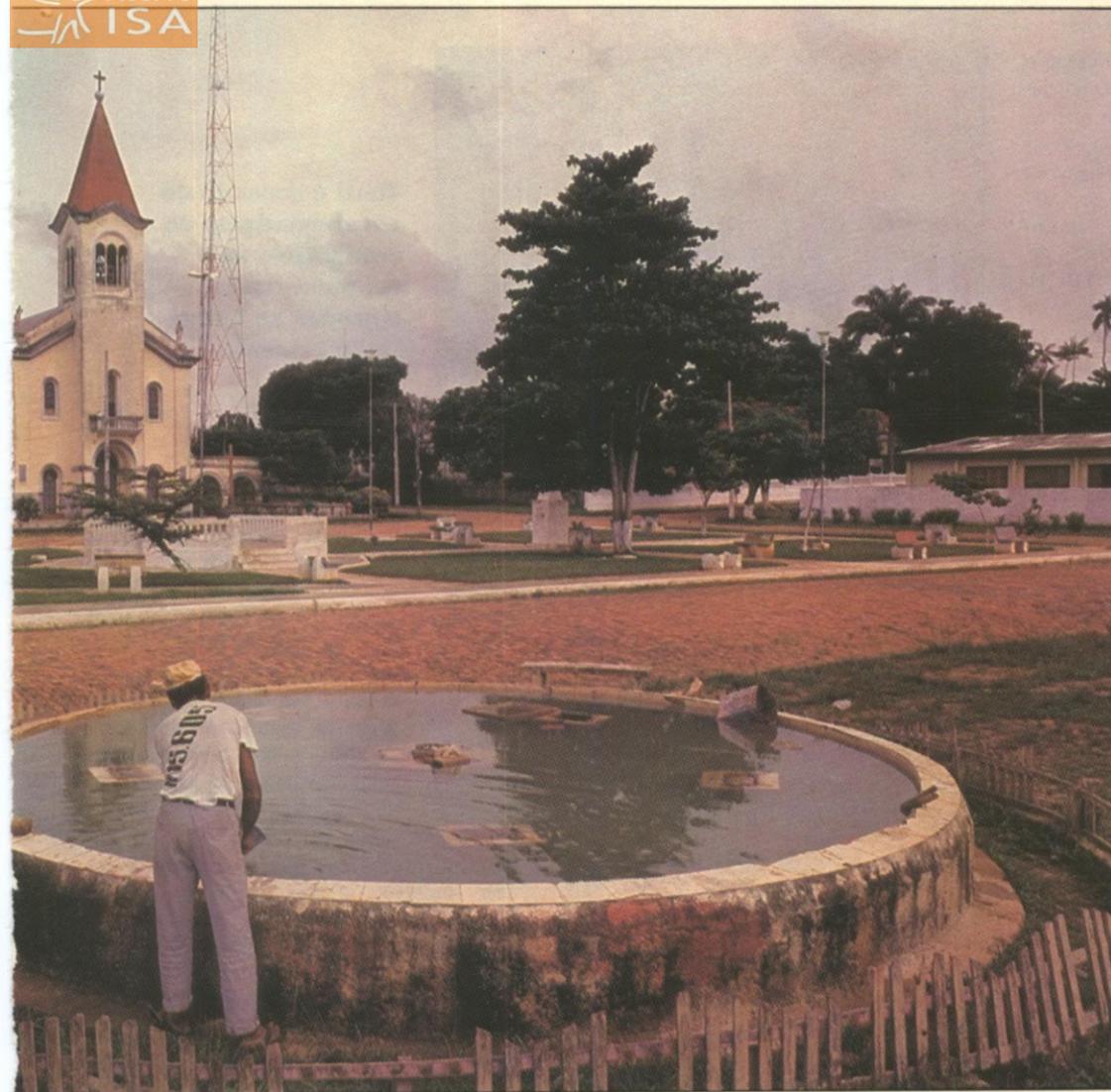
Assim como sua morte foi anunciada antes de acontecer, pode-se anunciar, desde já, a condenação dos dois acusados formais pelo seu assassinato. Darli Alves da Silva, 54 anos, e um dos seus 25 filhos, Darci, 23 anos, estão condenados. O julgamento terá início às 8 h da quarta-feira, 12, no Fórum de Xapuri, e será presidido pelo juiz Adair José Longuini, 37 anos. Se os advogados da defesa, Rubens Torres, João Lucena Leal e Armando Reigotta não conseguirem o difícil adiamento do julgamento, como anunciam pretender, a sentença será lida entre a quinta-feira, 13, e a sexta-feira, 14. A crônica da decisão que dará a Darli e Darci penas entre 12 e 30 anos, por mando e execução de homicídio qualificado, está na boca de quase todo e qualquer habitante de Xapuri. "Eles têm que se danar. Meu pai teve que sair da cidade e minha mãe expulsa da escola por causa deles", conta C.B., 15 anos, pouco antes de entrar furtivamente no Hotel Veneza para namorar um "gringo", como são tratados os forasteiros que desembarcam na cidade para acompanhar o

julgamento. Não sem suas razões, Rubens Torres, um dos advogados de Darli e Darci, diz: "O júri, na maioria é deles; temos uns quatro ou cinco e eles têm uns 17."

Cabra-macho

A lista total de jurados, renovada a cada novembro/dezembro, abriga 290 entre os mais íntegros e selecionados dos seis mil habitantes da sede de Xapuri. Dentre os que compõem a grande lista anual, 21 foram sorteados e, desses serão sorteados outros sete para tomar a decisão mais importante dos 85 anos de Xapuri. "A cidade, hoje, praticamente se divide entre PT e PDS e, assim, não há como não existir simpatias de lado a lado a princípio", constata o calmo e sensato juiz Longuini. "Mas reunirei o júri e repetirei que a justiça se faz com condenações e absolvições." Cada uma das partes poderá vetar até três jurados e o advogado Rubens Torres, certamente, já tem os seus alvos. Jorge Camargo, 31 anos, vereador e presidente do PT local, na quarta-feira, ao lado de outros dois pré-jurados, Manoel Augusto Nascimento, 54 anos, e Elídio





A pequena Xapuri, com pouco mais de cinco mil habitantes, será, dia 12, centro das atenções de ecologistas de todo mundo. Neste dia terá início o julgamento do assassinio do líder rural Chico Mendes. Mais de dez mil pessoas entre jornalistas, autoridades e líderes sindicais e de movimentos sociais são esperadas para acompanhar o processo

Maffi, 38 anos, dizia na sede do PT: “Se eu for sorteado não vou achar ruim não.” Há quem ache. Por medo, na terça-feira, quatro dos 21 pré-jurados não compareceram à audiência de preparação e foram substituídos.

O medo provocado pela fama de Darli e seus filhos não espanta o jurado Nascimento: “Deus vai me ajudar a estar lá. Sou cabra-macho.” Maffi, outro alvo da defesa, conta: “Já sofri ameaças, mas sou homem igual a eles. Embora eles ajam no pé-domato, com covardia.” O advogado Torres, que tenta “melar” o julgamento, se trai quando, diante da lista de jurados, embora sem citá-los, se refere aos “nossos”. A condenação de Darli e Darci, antes de se tornar um desejo em Xapuri e chegar à maioria de qualquer júri que por lá se forme, começou a ser escrita pela própria família Alves. Darci, o filho, confessou ter atirado em Chico Mendes e as provas apontam como mandante o seu pai, Darli. Mas há muito tempo são ágeis os dedos de parte da família.

Em 1958, a 22 de fevereiro, numa emboscada no distrito de Barra da Figueira, no vale do rio Doce, os irmãos Darli, Alvarino e Ari Alves da Silva, com o pai, Se-

bastião, mataram com “requisites de covardia e perversidade”, segundo o promotor Reinaldo Lopes, o tropeiro Nequinha Doca e seu filho de 15 anos, Pedro. Acir Urizzi, lavrador em Vila Alta, no Paraná, foi morto por Darli, José Alves e três pistoleiros. Numa tentativa de prendê-los, a Polícia Militar cercou Darli em Nova Jerusalém, Comarca de Umuarama, a oeste do Paraná, e o outro irmão, Alvarino, feriu um PM na fuga. Na mesma Umuarama, Isaque, outro Alves da Silva, matou o lavrador Dirceu Dias dos Santos em maio de 1973. Quando em 1975, a Justiça começava a acuá-los com mandados de prisão, os Alves iniciaram a mudança para o Norte.

Família violenta

Darci, que confessou ter executado Chico Mendes, foi condenado, em 22 de junho do ano passado, pelo juiz Longuini, a 12 anos de prisão, onde terá a companhia do irmão, Oloci, por crimes anteriores ao assassinio. Três meses antes, com revólveres, ambos haviam atirado contra duas dezenas de seringueiros que se reuniam na

sede do IBDF em Xapuri, ferindo dois deles. Em 1988, antes que o ano terminasse, o juiz Longuini tomaria conhecimento da morte, ocorrida anos antes, de uma família inteira de seringueiros, em Xapuri, por obra e pontaria dos Alves da Silva. Na cidadezinha que não tem nem duas mil casas, sem rede de esgoto e água encanada, chega a ser cansativo o relato da violência. Dos Alves da Silva, sim, mas não apenas. “Há mais gente importante envolvida na morte de Chico Mendes”, suspeitava, em 27 de dezembro de 1988, o juiz Longuini, que agora, por força da lei, terá de se limitar a acatar a conclusão do juiz sobre Darli, o pai, e Darci, o filho. Mas certamente não conseguirá esquecer o passado dos Alves, marcado pelas balas e emboscadas.

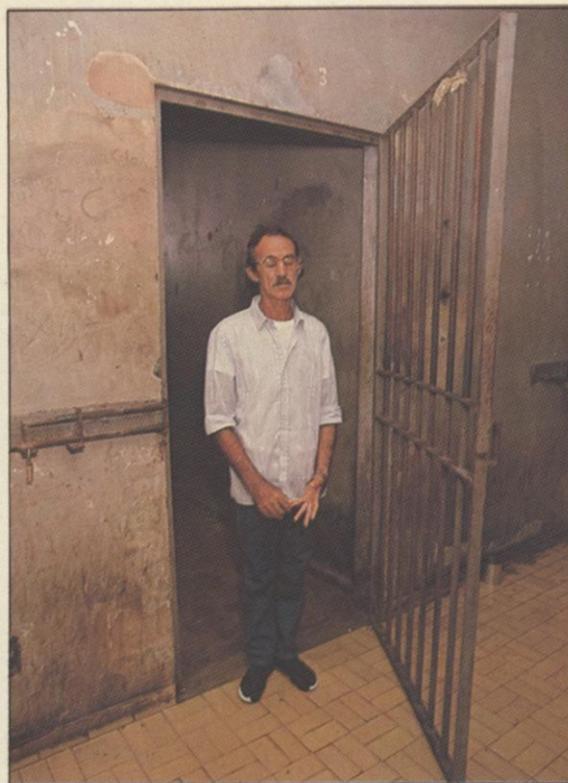
Chico Mendes, 13 dias antes de sua morte, numa entrevista ao jornalista Edilson Martins, publicada em *O Estado de S. Paulo*, falou sobre a previsão de sua morte feita a 5 de dezembro em Piracicaba, onde estivera para fazer uma palestra: “Os irmãos Darli e Alvarino são amigos do delegado da Polícia Federal no Acre, Mauro Spósito. E os irmãos já mandaram assassinar mais de 30 trabalhadores.” Em Piraci-▶▶

caba, o sindicalista havia dito: “O delegado me persegue não é de hoje. Não tenho dúvida de que os pistoleiros levarão a melhor por um motivo: o delegado mandou cassar meu porte de arma, alegando ter eu ligações com uma entidade ‘alienígena e comunicante’. É a Fundação Ford, dos Estados Unidos. Veja só.” Todos viram. Spósito, depois de afastado da superintendência da PF no Acre, é hoje chefe de gabinete do diretor da Polícia Federal, delegado Romeu Tuma.

Testemunha-chave

Genésio Barbosa da Silva, à época com 15 anos e criado desde os sete por Darli na Fazenda Paraná, pouco depois da morte de Chico Mendes, se tornaria a principal testemunha dando nome aos bois gordos. João Branco, ex-presidente da UDR e acionista do jornal *Rio Branco* – que soube do crime e levantou a história na mesma noite, numa rapidez que não se explica –, costumava se reunir com frequência com o ex-prefeito de Rio Branco Adalberto Aragão, o hoje secretário de Assuntos da Capital, Gastão Mota, e o fazendeiro Benedito Rosa, da UDR, na fazenda de Darli. “O véio Darli perguntou o que o João Branco achava dele matar o Chico Mendes. Ai o João Branco falou que se for igual às outras mortes que o senhor faz e num dá nada, pode matar que se der rolo e eu puder ajudar, eu ajudo”, revelou Genésio ao *Jornal do Brasil*, em matéria publicada em 30 de abril de 1989. Genésio, a testemunha-chave, era aguardado na última semana por dezenas de jornalistas no Acre. Em vão. Sob guarda do jornalista Zuenir Ventura, do *JB*, há mais de um ano, Genésio só deverá desembarcar em Xapuri na véspera do julgamento. “Ele está no Rio, com o Zuenir”, informa o juiz Longuini. No Rio de Janeiro, o jornalista, guardião da fonte desejada pelo resto da imprensa, disse a *Istoé Senhor* que a testemunha só falaria na hora certa – ou seja, no tribunal.

Se Genésio falar tudo que já disse saber, Darli e Darci ganharão, definitivamente, o



GRACIELA MAGNONI

apelido de “rabo de cobra”. A expressão, em moda pelas bandas de Xapuri, deixa claro que a cabeça da cobra (o sistema de poder que domina o Estado e a região) continuará intocada e impune. Segundo relatório da Anistia Internacional, desde 1975 mais de mil crimes sem apuração mancham a área da Amazônia Legal, um pedaço com 59% das terras verde-amarelas e menos de 7% da sua população. A certeza da impunidade, seja em Xapuri, Marabá, no sul do Pará, ou no Bico do Papagaio, na divisa entre Maranhão, Pará e Goiás, revela uma face rotineira da América Latina e amoldada na mistura de arrogância com ignorância. “Esse Genésio é o Satanás, se quisesse matar, eu já tinha matado. Eu sei onde ele anda”, dizia na terça-feira, 4, Darli.

Detido com os filhos, Darci e Oloci, no complexo penitenciário Francisco de Oliveira Conde, em Rio Branco, Darli tem jo-

Darli é acusado de ser o mandante do crime. Dele se esperam muitas lágrimas ao longo do julgamento

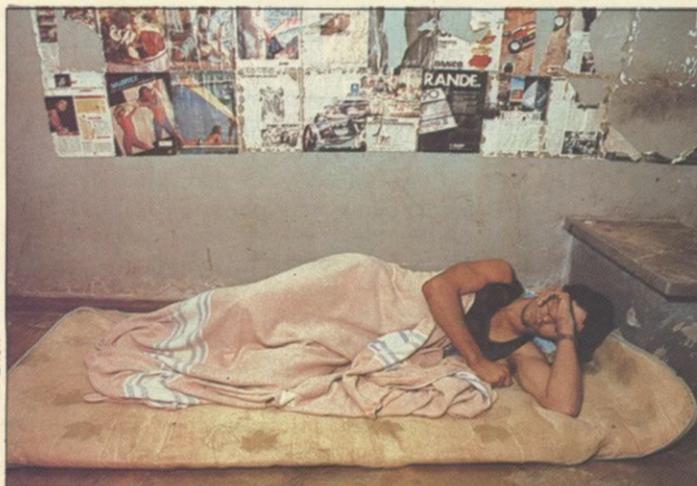
gado futebol no gol; enquanto os filhos preferem o ataque. “Quando Chico Mendes começou com aquilo, meus filhos me perguntavam: ‘Escute, pai, você não vai agir?’”, costuma contar Darli, repetindo o que está contido nas 2.300 páginas do processo que consumirá, em sua leitura, pelo menos as oito primeiras horas do julgamento. “Não consigo ficar mais de oito horas sem trepar”, é outra má-

xima do fazendeiro, que se orgulha de ter sete mulheres, quatro delas ao mesmo tempo e três morando uma próxima da outra na fazenda Paraná – Francisca da Silva, 23 anos, um dia após ter revelado o esconderijo de Darli, morreu em 8 de janeiro de 1989 com a jugular cortada. Suicídio é a hipótese que sobreviveu.

Réus encapuzados

João Branco, outro rosto latino-americano, proprietário de 5,2 mil hectares de terras, 900 deles desmatados, apregoava na terça-feira por Rio Branco: “O dia em que os ecologistas deixarem, eu desmato os 50% que a lei me permite.” Relógio de ouro no pulso, 46 anos, Branco chegou ao Acre em abril de 1971, depois de ter se formado em advocacia no Mackenzie, em São Paulo. “Passado o julgamento, tudo vai continuar. Acho que eles têm coragem para arrumar outro cadáver”, diz João Branco, que nega ter algo a ver com a morte de Chico Mendes, explode em gargalhadas ao ouvir indagações a este respeito e expõe sua tese: “O Chico foi um inocente útil.”

Não se diga que a arrogância e a ignorância são vãs. “Ou me pagam 50 mil dólares ou meus clientes só irão ao julgamento de capuz”, ameaça o advogado de defesa, Rubens Torres, que deseja ser retratado nas telas, um dia, por Charles Bronson. Sabe o advogado que tal pataquada de capuzes não se dará, porque o seu ego e o juiz não permitiriam, e porque isso apenas condena-



Sobre Darci pesa a acusação de ter matado Chico Mendes, fato que confessou na fase de inquérito

GRACIELA MAGNONI

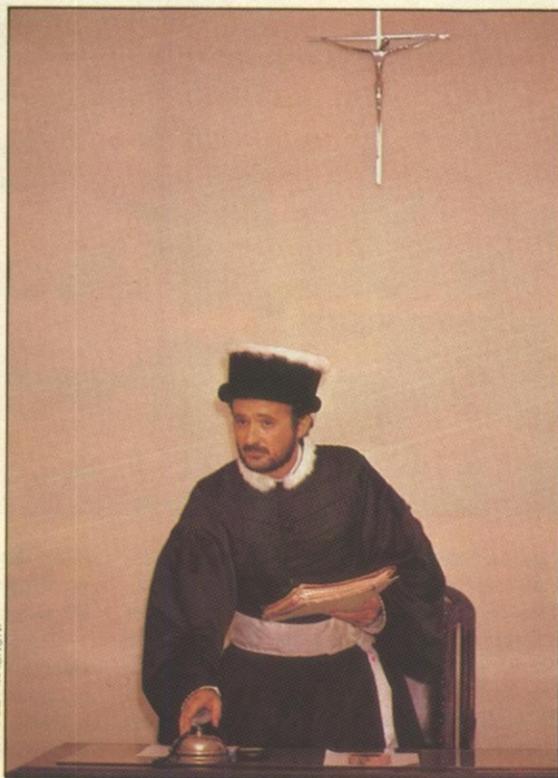
Entre as testemunhas que serão ouvidas pelo juiz Longuini, o garoto Genésio (no detalhe) é quem pode incriminar Darli

ria mais rapidamente os seus clientes. Mas a bravata tem um objetivo: tentar impedir o julgamento, acirrar os ânimos. João Lucena Leal, o outro advogado da defesa, diz que agentes da CIA, com a execução há um ano, em Rio Branco, do ex-sargento PM R. Freitas, que era sempre visto na companhia do ex-prefeito Adalberto Aragão, seriam os responsáveis pela morte do sindicalista. A CIA

deve ter surgido no caso por conta da memória do advogado Leal, ex-superintendente da Polícia Federal no Ceará e apontado por quatro vezes no livro *Brasil Nunca Mais* como torturador. Naqueles tempos, os torturados é que denunciavam a CIA.

O advogado, ao abrir mais um flanco de dissimulação, desenterrou uma suspeita. Dias antes do assassinio do sindicalista, Efraim Mendonza, médico que jogava cartas no Clube de Rio Branco, foi chamado ao canto por um dos freqüentadores do clube, conhecido como "Zê Arigó", que lhe disse: "O R. Freiras está aí na frente, numa caminhonete do Adalberto Aragão, cheia de armas. O Chico Mendes vai morrer daqui a cinco dias", contou o médium local, para irritação do médico Efraim. Este, depois do assassinato, procuraria o bispo da capital, Moacir Grechi, a quem narrou o fato.

Citado pela testemunha-chave, Genésio, como mandante da morte do sindicalista, o ex-prefeito Aragão comentou: "Tive que vender oito bois, para ajudar um amigo que está na prisão." No mesmo dia, Aragão visitou Darli e os filhos na penitenciária e vendeu os bois ao então diretor do presídio, Antônio Campos. O diretor, há três meses, foi assassinado, em sua casa, diante da tevê. No dia seguinte, Enedino Silva, o assassino, foi morto pela polícia, que alegou reação à prisão. O fecho da história, que carrega o cheiro de arquivos mortos, viria num informal comentário dos advogados Rubens Torres e Lucena Leal: "Tiveram que vender oito bois para pagar honorários." O ex-



GRACIELA MAGNONI

prefeito Aragão, citado pela testemunha Genésio, saiu desta com apenas oito bois a menos.

Nesse roteiro onde as cabeças da cobra vão engolindo os rabos que criaram, o julgamento em Xapuri, se ganha extraordinária importância por sinalizar justiça em paragens de profundas e variadas injustiças, tem o seu lado circense, patético até. Pelo aluguel de uma casa por uma semana, Cr\$ 300 mil é o mínimo que se pede na cidade onde, ainda hoje, crianças param os carros nas ruas pedindo para "dar uma volta". O anúncio do desembarque de dez mil pessoas, que não chegaram e não chegarão, perturbou a vida no lugarejo que se acostumou a coisas como, por exemplo, os assassinatos rotineiros de seringueiros. Dos dez mil forasteiros esperados, não deverão aparecer mais de 2.500, sendo a maioria composta por seringueiros da região Norte. A

Dona Adelina diz que o ministro Passarinho não gosta de Xapuri, apesar de ter nascido na cidade



mídia faz sua parte na presepada. Ao longo da semana, em desespero, repórteres, fotógrafos e cinegrafistas laçavam os "gringos" que as editorias imaginavam pululando na exótica floresta. Morgan Janson, 19 anos,

australiano que estuda ecologia no Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas, o Inpe, estafou-se. Foi entrevistado e fotografado por todo e qualquer jornalista em busca de um "gringo". Adrian Cowell, o cineasta que produziu o documentário *A Década da Destruição*, exibido mundo afora, foi instado a também viver o seu papel, instalado numa casa de Cr\$ 500 mil o aluguel, antes de rumar mata adentro para o trabalho real.

Xapuri invadida

Quando "gringos" de fato chegarem, será um deus-nos-acuda em Xapuri. O prefeito, Juarez Maciel, licenciou-se por dez dias, deixando, até a quarta-feira, 5, o comando de sua urbe em mãos da vice, Eliana Pereira. Na pequena cidade, onde o maniqueísmo é uma necessidade para os que querem sobreviver, o ex-prefeito, Vanderlei Viana, acusado e condenado pelo desvio de duas toneladas de alimentos destinadas às vítimas de enchentes, disputou uma cadeira de deputado estadual. Perdeu. O adversário era o pai, Félix, que também perdeu. O atual prefeito voltou da licença com um chafariz novo, comprado em Belo Horizonte, e, prontamente, instalado na praça, recém-reformada, para receber os visitantes. Praça, não. Praças, já que são duas, São Gabriel e Barão do Rio Branco, uma ao lado da outra e divididas por coisa nenhuma.

Imagina d. Adelina Morte, 76 – locatária por Cr\$ 300 mil –, que o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, "não gosta daqui, onde nasceu, pois nunca aparece nem fala da cidade". O coordenador do pacto social à ►►



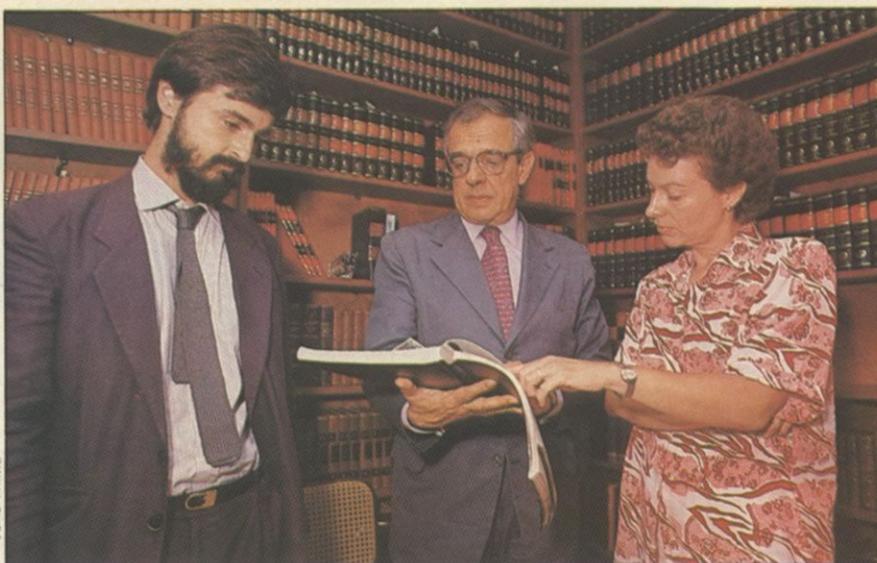
LUCIANO ANDRADE

brasileira nasceu na rua Vitorino Maia, nº 54. A antiga residência, mantinham ainda esperanças os atuais proprietários, também seria alugada por Cr\$ 300 mil, ou seja, Cr\$ 30 mil ao dia, em Xapuri – uma espécie de síntese do País que finge para si mesmo perseguir o pacto e a justiça. Nesse cenário, causava alguma perplexidade um fraternal gesto, atribuído à prefeita de São Paulo, Luíza Erundina. Para dar abrigo a uma parte dos seringueiros, ela enviaria uma lona de circo a ser instalada na praça do novo chafariz. Certamente é elogiável e digna de gratidão a idéia vinda de São Paulo mas, nas circunstâncias, um circo armado em Xapuri reforça, sem dúvida, algumas alegorias. Tudo é possível em terras onde a capital, Rio Branco, tem sinos que não dobram. Ao que consta, o silêncio dos badalos das igrejas locais se deu no bojo de um contra-ataque simbólico. Entendeu a igreja local que o povo não pode ser chamado ou tangido como um rebanho.

Carrasco da defesa

É de se concordar que o Estado, com quase meio milhão de habitantes, dependente em 85% dos cofres federais, precisa de símbolos para resistir. O gaúcho Plácido de Castro, no comando de cearenses que fugiam da seca nordestina de 100 mil vítimas fatais em 1877, iniciou o processo que separou o Acre da Bolívia e do Peru e anexou-o ao Brasil há 81 anos. A Primeira Guerra Mundial lhe permitiria viver o faustoso ciclo da borracha, que se repetiria em menor es-

Promotor no Acre desde 1978, Oliveira ganhou 13 dos 15 julgamentos de que participou e está seguro de que irá vencer outra vez



JOÃO PRIMO

Jebin, Thomaz Bastos e Sueli formam o trio de acusação que conseguiu em dois anos montar o processo com 2.300 páginas

cala na Segunda Guerra, quando os americanos perderam a borracha da Malásia. Três décadas depois, os governos militares iniciariam um processo de ocupação do Norte, que alguns jornalistas acreanos enxergam como “a multiplicação dos fatores de violência”. Dos incentivos fiscais sem planejamento brotaram latifúndios e proprietários que compraram terras sem levar em conta a existência de seus antigos ocupantes, os seringueiros. “A morte de Chico Mendes e o julgamento dos seus assassinos interrompem um processo de violência crescente”, acredita o promotor Eliseu de Oliveira, um gaúcho de 38 anos, que garante: “Vamos condenar os assassinos.” Oliveira, morador do Hotel Veneza e a quem as meninas da cidade se referem à distância como “o promô”, é um vencedor. Ex-mecânico da Volkswagen no Rio Grande do Sul, chegou em 1978 ao Acre, onde se formou. Em 15 julgamentos como promotor, ganhou 13. Rubens Torres, advogado de defesa, o chama de “carrasco”.

Talvez seja necessário dureza num lugar que, antes do juiz Adair, permaneceu durante oito anos sem um titular no Fórum e viu se acumularem mais de 400 processos.

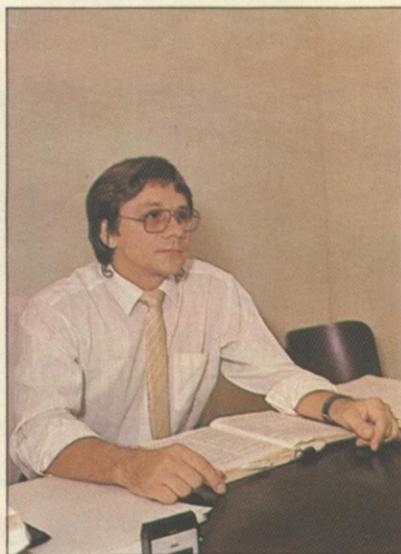
Os antecedentes dos Alves da Silva e as evidências de “mando e execução de homicídio qualificado” nortearão a acusação do promotor Eliseu. Os ataques à honra de Ilzamar, a viúva de Chico Mendes, a quem os advogados de defesa acusam “enricada” por ser proprietária de uma camionete D-20, uma chácara, uma casa e o restaurante Floresta, e a estapafúrdia tese do comploté CIA-PM do

Acre deverão concentrar o jogo da defesa no Fórum, um salão que abrigará cerca de 80 espectadores.

Como a defesa, a acusação tem sua estratégia. Às 9h da manhã de sexta-feira, 14, o principal advogado de acusação de Darci e Darli, o jurista paulista Márcio Thomaz Bastos, abrirá a meia hora na qual tem direito de fala afirmando: “Esse é um processo exemplar na História do Brasil de oposição à violência fundiária e firmado no procedimento democrático no qual os réus tiveram todo o direito de defesa, com julgamento que se realiza dois anos depois do assassinio de Chico Mendes.” O julgamento começa no dia 12 mas, a rigor, os debates entre acusação e defesa deverão se iniciar apenas na sexta-feira. Com a mesma beca que usou em 1985, quando conseguiu a condenação do cantor Lindomar Castilho, marido e assassino de Eliane de Grammont, e trazendo sob a camisa um saquinho de salbento, Thomaz Bastos começará então a reconstituir o processo Chico Mendes e encaminhar sua tese de homicídio duplamente qualificado: emboscada, porque Chico Mendes foi morto à noite quando saía de casa apenas com uma lanterna e toalha no pescoço, sem condições de defesa, e torpe, porque existem provas de que o crime foi motivado por vingança. Se esta tese for considerada pelos jurados, Darci e Darli poderão receber pena que varia entre 12 e 30 anos de prisão.

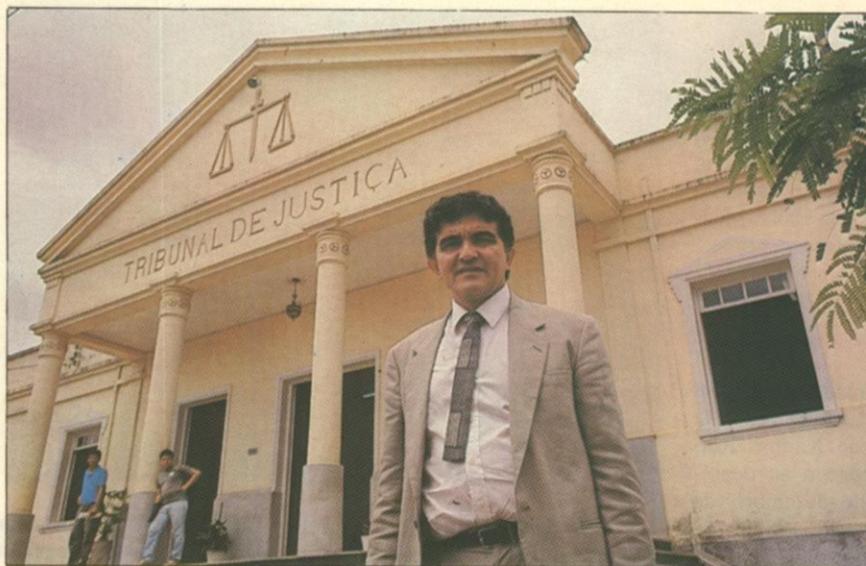
Crime de vingança

“É o julgamento mais importante, mas não o mais difícil dos 700 de que já participei na minha vida”, diz Thomaz Bastos, que com outros quatro advogados formará a linha de frente da acusação. “Tenho certeza de que os réus serão condenados a pena entre 14 e 15 anos de prisão”, diz Thomaz Bastos. “É tradição brasileira dar a pena mínima.”



LUCIANO ANDRADE

Na defesa, Torres culpa até a CIA, que, segundo ele, numa conspiração internacional teria matado o líder sindical dos seringueiros



LUCIANO ANDRADE

Chico Mendes foi morto em 22 de dezembro de 1988. Vinte e quatro horas depois Sueli Belatto e Ricardo Jebin, advogados da CUT, Márcio Thomaz Bastos, então presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, e os também advogados Michael Macnolan e Luiz Eduardo Greenhalgh começavam a investigar as circunstâncias da morte do líder sindical rural e ecológico e membro da direção nacional da CUT. Depois de dois anos, eles conseguiram montar um processo com 2.300 páginas, sobre as quais Thomaz Bastos se debruçou nos últimos 20 dias, oito horas por dia. Para montar este processo, o jurista esteve duas vezes em Xapuri, Sueli viajou 15 vezes para a cidade e Jebin outras sete vezes. O primeiro desembarque da advogada da CUT em Xapuri aconteceu três dias após o assassinio de Chico Mendes. Era dia de Natal. Sueli ficou sabendo da morte do novo membro da direção nacional da CUT na mesma madrugada do crime durante reunião da entidade em Brasília. Avelino Ganzer, dirigente sindical rural, foi quem primeiro recebeu a informação. Rapidamente todos os membros da CUT se mobilizaram para a formação do Comitê Chico Mendes. “Os ‘assassinos provavelmente não imaginavam que teríamos condições de nos locomover de imediato para Xapuri”, comenta Sueli. A advogada, entretanto, chegou à cidade a tempo de acompanhar o depoimento de Darci no inquérito policial. Como Xapuri não possuía promotor público, a primeira providência foi exigir a nomeação de Francisco Matias para o caso.

Sueli conta que a

polícia do Acre só iniciou a perseguição aos indiciados depois da repercussão internacional do crime. Darci se apresentou espontaneamente para depor na polícia no dia 27 de dezembro de 1988 – prova da mais alta relevância para a acusação, uma vez que se trata de autoconfissão de um crime. Essa é uma das provas testemunhais que a acusação usará o tempo todo. Diante dos peritos da Unicamp, Fortunato Baldan Palhares e Néelson Massini, designados pelo Ministério da Justiça para acompanharem as investigações, Darci revelou friamente que assassinou Chico Mendes porque este vinha incomodando demais sua família com denúncias na imprensa. Ele contou que na tarde que antecedeu o crime ficou no baraco da sede da Fazenda Paraná, onde mora, pensando muito nas acusações que Chico Mendes vinha fazendo contra seu pai, Darli. “Diante disso, decidi matar Chico Mendes”, confessou.

Código da emboscada

Os advogados de acusação basearam o processo no que chamam de prova teste-

lizada no dia 30 e gravada em vídeo existem trechos importantes para os acusadores. Darci relata no primeiro trecho do depoimento, por exemplo, que ouvia, na noite do crime, Chico Mendes e os seguranças jogando dominó dentro de casa. Ele, Darci, esperava Chico Mendes sair para então matá-lo. Configurava-se aqui a emboscada, qualificando-o do homicídio. Darci denunciou sua habilidade de pistoleiro ao preparar com agilidade a arma na reconstituição do crime. Mostrou-se um pistoleiro profissional quando repetiu à polícia com exatidão o ângulo que usou para atirar em Chico Mendes. Outra prova irrefutável de que o crime foi praticado por Darci está no vídeo. No croqui feito para os peritos do trajeto até a casa de Chico Mendes, Darci esqueceu de citar um dos códigos que marcavam a emboscada: uma sacola pendurada em um galho de árvore. Para realizar a reconstituição, os peritos cortaram o galho e deixaram a sacola jogada no chão, próxima à árvore. Durante a reconstituição, ao passar pelo local, Darci comentou que aquela sacola estava pendurada num galho da árvore. “Só quem passou pelo local diversas vezes poderia ter notado isso”,▶▶



LUCIANO ANDRADE

O ecologista austríaco Janson, estudante da Amazônia, virou uma das atrações dos jornalistas que correram para Xapuri

afirma Sueli.

Os advogados de acusação também usam provas de antecedentes criminais dos envolvidos na morte de Chico Mendes, como o assassinio do tropeiro Nequinho Doca e o atentado contra os seringueiros no IBDF. Foi por influência de Chico Mendes que o juiz Longuini apurou o crime.

Carta perigosa

A partir de então as pressões de Darli e Darci sobre o líder sindical aumentaram. O funcionário da Comarca de Xapuri Raimundo Dias Figueiredo contou no depoimento prestado em 26 de dezembro de 1988 que, dias antes do assassinato de Chico Mendes, foi procurado por Darli. O pistoleiro queria saber da carta precatória que Chico Mendes havia conseguido na cidade de Umuarama, centro-oeste do Paraná, onde a família Alves da Silva já havia cometido outros crimes. "Ele estava certo de que a carta já havia chegado às mãos da Polícia Federal. E disse que mostraria a Chico Mendes, que ele não pegaria mais em seu pé, visto que nem sua mulher o fazia, e poderia aguardar o que iria lhe acontecer", relatou Raimundo. Para os advogados de



acusação, esta declaração de Darli ao funcionário da comarca comprova que havia desejo de vingança no mandante do crime.

De acordo com os primeiros depoimentos acompanhados pela advogada Sueli Belatto, todas as testemunhas incriminaram Darli, que teria mandado a princípio seu filho Oloci assassinar Chico Mendes. "Como Oloci se negou, Darli desafiou Darci a matar Chico honrando as calças que vestia", conta Sueli. Darci explica no depoimento que no dia do assassinio terminou seu trabalho na Fazenda Paraná ao meio-dia. Quando chegou a seu barraco ficou pen-

sando muito nas acusações que Chico Mendes vinha fazendo contra seu pai. Pegou sua capa preta, colocou-a dentro de uma bolsa preta, em seguida apanhou uma espingarda da marca CBC, calibre 20, com dois cartuchos, e seguiu caminhando até Xapuri, onde chegou às 17h30. Quando escureceu se aproximou da casa de Chico Mendes por um matagal que fica nas proximidades de um atravessador de gado. Entrou no quintal da casa pelos portões dos fundos e se posicionou ao lado de um coqueiro e esperou 20 minutos até a vítima sair pela porta dos fundos da casa. Neste momento, sem fazer

Nas reuniões da Fundação Chico Mendes, às vezes o mito perde para divergências e disputas internas

Uma rede de intrigas

O acidentado filme sobre Chico Mendes

Um filme de quarta categoria, recheado de lances de intrigas e espertezas, poderia ser rodado para contar os bastidores da negociação envolvendo os direitos de filmagem da vida de Chico Mendes. Enquanto a história que o produtor David Puttnam, o mesmo de A Missão, começa a pôr no celulóide a partir do próximo ano deverá primar pelo tom edificante, seus antecedentes revelam o desmoronar da solidariedade que unia as principais personagens reais que cercaram o seringalista, começando pela mulher Ilzamar Mendes. Os desentendimentos entre eles se iniciaram com a determinação da viúva em entregar a filmagem aos cuidados de brasileiros (após encontrar-se em Nova York com o próprio Puttnam e Robert Redford, que também tinha interesse pela novela) contra a vontade de outros integrantes da Fundação Chico Mendes que preferiam um produtor de renome mundial. Prevaleceu o meio-termo.

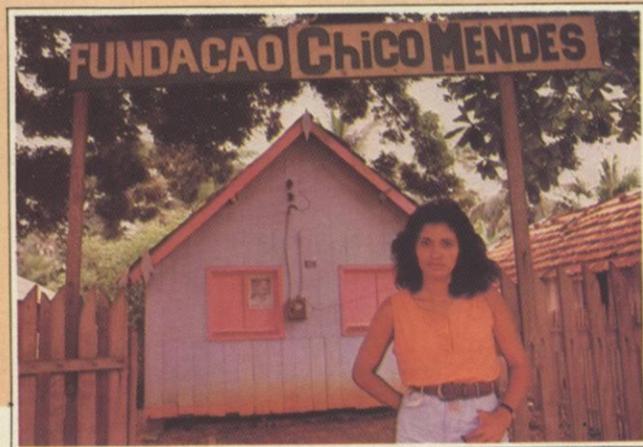
A protagonista mais obscura da trama é uma certa Mary Alegretti, presidente do Instituto de Estudos Amazônicos, de Curitiba, a quem Ilzamar acusa de se ter aproximado dos seringalistas em busca de promoção, no mínimo. Ligada também à Fun-

dação, ela iniciou entendimentos com a Warner, enquanto a viúva se aproximava de Joffre Rodrigues, sócio da JN Filmes, sediada no Rio de Janeiro. Em setembro de 89, a produtora do filho do dramaturgo Nelson Rodrigues fechou o negócio, envolvendo cifras anunciadas em US\$ 1,7 milhão - oficialmente sealaria depois em US\$ 800 mil. Em meio ao bate-boca entre os grupos de Ilzamar e de Mary, o produtor norte-americano Peter Guber, o mesmo de Batman e Rain Man, se associava à JN, pagando-lhe US\$ 2,5 milhões pelos direitos de co-produção.

Guber estava tocando outros dois projetos, além do de Chico Mendes, com financiamento da Warner quando foi convidado a assumir a presidência da Columbia Pictures. Como recusasse o convite, a Sony lhe propôs comprar a sua produtora, a Guber Peters Corporation, por US\$ 200 milhões. Inconformada, a Warner pleiteou na Justiça uma indenização de US\$ 1 bilhão, conseguiu metade desse valor em dinheiro, e os projetos em andamento, incluindo Chico Mendes.

A Warner manteve a participação da JN Filmes e, decidida a entregar o filme a um produtor executivo de renome, fixou-se em Puttnam, que, por sua vez, escolheu Roland Joffé para a direção. As gravações têm seu início previsto para abril de 91, e o Pará foi escolhido para as locações pela quantidade de quemadamas que lá costumam ocorrer. Nesta história de final feliz quem menos ganhou dinheiro foi Ilzamar - dos US\$ 720 mil que recebeu da JN, US\$ 520 mil foram destinados à Fundação Chico Mendes.

Ilzamar, a viúva, foi quem perdeu



qualquer pontaria, Darci declarou ter disparado a espingarda contra Chico Mendes e em seguida ter saído correndo pelo mesmo local por onde entrou no quintal, sem pegar a bolsa que havia deixado pendurada numa árvore.

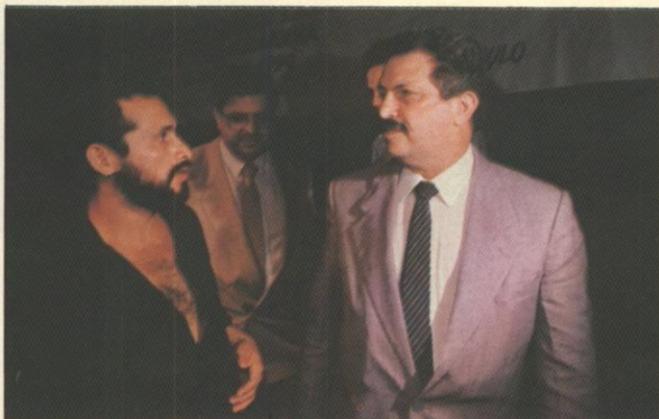
Para comprovar a autoria do crime os acusadores consideram importante o depoimento do funcionário da Fazenda Paraná Alcio Dias de Oliveira. Ele contou em 9 de janeiro de 1989, na Delegacia de Polícia de Xapuri, que ouviu Oloci Alves da Silva, responsável pela fazenda, afirmar que os assassinos eram Darci e Serginho Pereira. Apesar de cair em várias contradices, o depoimento de Darli, pai de Darci, na pol-

cia em 9 de janeiro de 1989 demonstrou muita habilidade do réu para fugir das acusaes. O advogado Ricardo Jebin acredita que Darli deverá usar o mesmo recurso deste depoimento no dia do julgamento: chorar diante dos jurados.

com a impunidade.” Se isso ocorrer, Thomaz Bastos certamente se ver recompensado da tensão que passou nos últimos 20 dias que, como diz, o pega antes de todo grande julgamento. “ incrível, mas às vésperas de julgamento eu sonho que perdi a hora de ir ao júri ou que esqueci o processo em algum lugar”, diz Thomaz Bastos. “Dessa vez não está sendo diferente, mas creio que eu e todo o País dormiremos mais tranqüilos com a condenação dos assassinos de Chico Mendes.”

Até receber em 1985 o Prmio Global 500, da ONU, em Nova York – que fará vigília em frente à sua sede durante o julgamento – e uma medalha da Sociedade para

Osmarino, que ocupou o lugar de liderança de Chico Mendes: entendimentos com Romeu Tuma



WILSON MELO/AGÊNCIA FOLHAS

um Mundo Melhor, foi longo o caminho de Chico Mendes, nascido em 15 de dezembro de 1944, no Seringal Porto Rico, em Xapuri. Aos nove anos, Chico cortava seringal, e, antes de morrer, negociava com o BID e o Banco Mundial recursos para sua utopia, as reservas extrativistas. Aos 18 anos não sabia ler nem escrever. Apreendeu na mata com Euclides Fernandes Távora, sobrinho de Juarez Távora, um sobrevivente da Coluna Prestes. Segundo o jornalista Edlson Martins, que o conhecia desde 1975, Chico Mendes se tornou líder “por saber compor, utilizar o melhor de cada um e isolar o pior”. Mas, ao compor com a Polícia Federal, cometeu seu maior erro, avaliam os amigos. Sua morte e a briga-lhada entre lideranças dos chamados povos da floresta confirmam a tese de Edlson. A chamada “turma do Chico Mendes” era composta, além de alguns seringueiros annimos, por: a antropóloga Mary Alegretti, do Instituto de Estudos Amazônicos, com sede em Curitiba; a viúva Ilzamar; a outra viúva Eunice; Gilson Pescador, ex-padre hoje no PT; Gomercindo, o sindicalista que anda com um 38 na cintura temendo a tocaia dos fazendeiros; Júlio Barbosa, o sucessor de Chico no sindicato; Osmarino, do Sindicato Rural de Brasilia; e Ângela, filha de Chico Mendes com Eunice. Todos estes nomes, e muitos outros têm freqüentado a mdia, algumas vezes com desentendimentos entre si.

cia em 9 de janeiro de 1989 demonstrou muita habilidade do réu para fugir das acusaes. O advogado Ricardo Jebin acredita que Darli deverá usar o mesmo recurso deste depoimento no dia do julgamento: chorar diante dos jurados.

Falso pulo do gato

A acusação está preparada tmbm para aquilo que a defesa pode considerar como sendo seu grande “pulo do gato” – separar os réus e pedir julgamentos separados, uma vez que é mais fácil defender um do que dois. Na verdade, é essa uma prática bastante usada pelos criminalistas de júri. Se a defesa tentar isso, os advogados de acusação seguirão o seguinte método: são 21 jurados, dos quais apenas sete atuarão. Tem a defesa o direito de recusar três nomes, assim como a acusação. Como interessa  promotoria julgar primeiro Darci, que é acusado de ser o executor, todo jurado referente a Darci que receber o sim dos advogados de defesa receberá tmbm o sim dos advogados de acusação. Dessa forma, ainda que o julgamento seja desdobrado em dois, Darci, como quer Thomaz Bastos, será julgado primeiro. “Tenho absoluta convicção de que mandante e executor serão condenados”, diz Thomaz Bastos. “Assim, estaremos abrindo um novo tempo no País, queira Deus um tempo que termine

Falam quatro filhos de Xapuri



JARBAS PASSARINHO
(ministro da Justiça)

“Meu pai chegou a Xapuri no começo da década de 20 e foi ele o responsável pela primeira usina mecânica que dava energia  cidade. Lembro que a minha casa era a única de alvenaria. Acho que o crime contra Chico Mendes tem de ser exemplarmente punido.”



ADIB JATENE
(cirurgo de coração)

“Desde que sa de Xapuri, aos nove anos de idade, a cidade progrediu muito pouco com a extração de látex. Agora Xapuri está sendo transformada em símbolo de lutas ecológicas, mas não acho que seja motivo de júbilo ver a cidade ficar famosa por um crime.”



JORGE KALUME
(prefeito de Rio Branco)

“Fiz minha vida política em Xapuri, uma tpica cidade da Amazônia, simples e pacata. Sei que até os anos 20 era uma cidade arrumadinha, e que agora está meio abandonada. Eu acho que todo crime tem de ser punido mas a questão extrativista é complicada.”



ARMANDO NOGUEIRA
(jornalista)

“Morei em Xapuri até os 17 anos. A cidade é um charme, modesta, quase um pequeno altar. Xapuri tem uma vocação para casos como o martírio de Chico Mendes, desde o início do século com a revolução acreana entre seringalistas, castanheiros e o general Pando.”